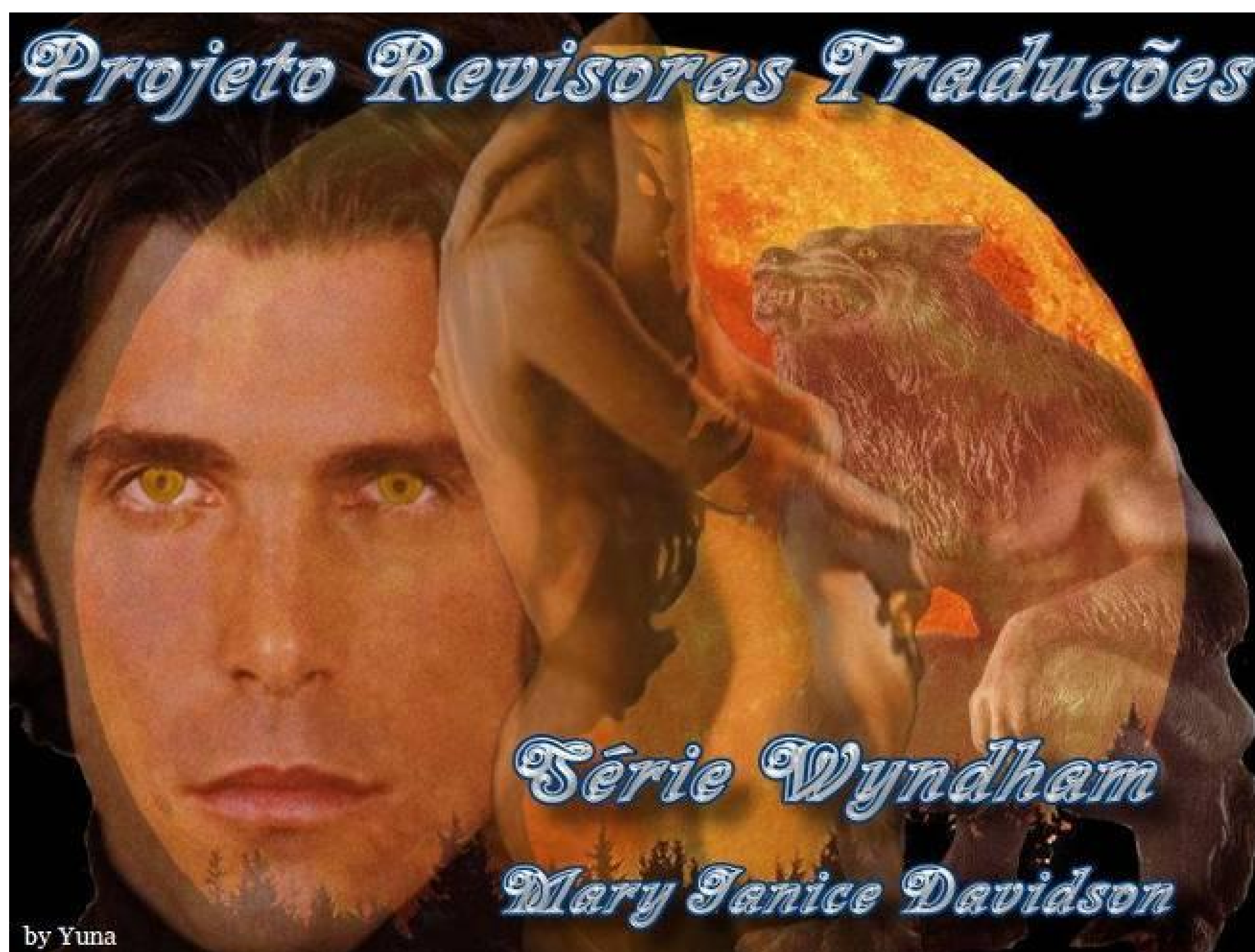


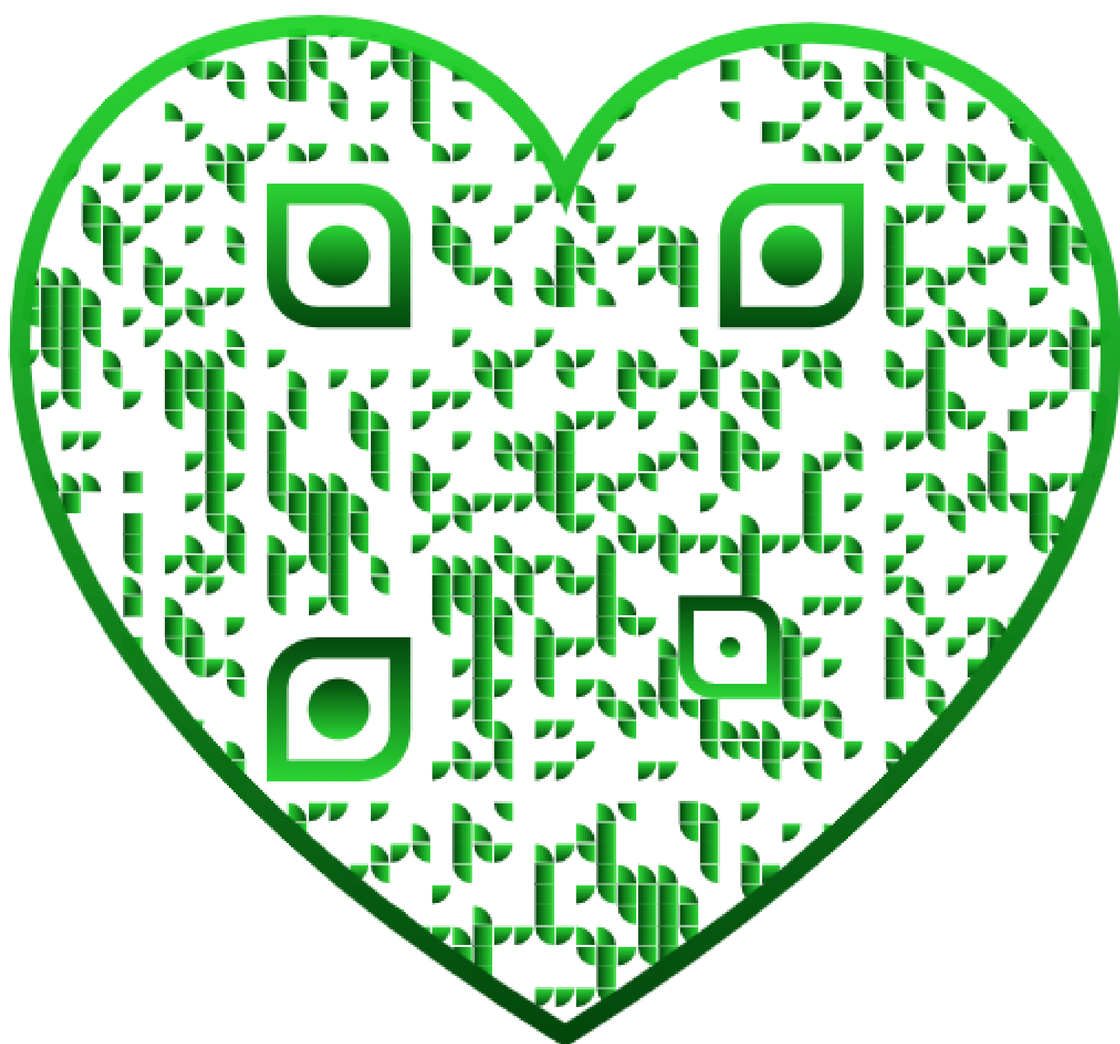
Mary Janice Davidson

Santa Claws

Serie Lobos Wyndham 04



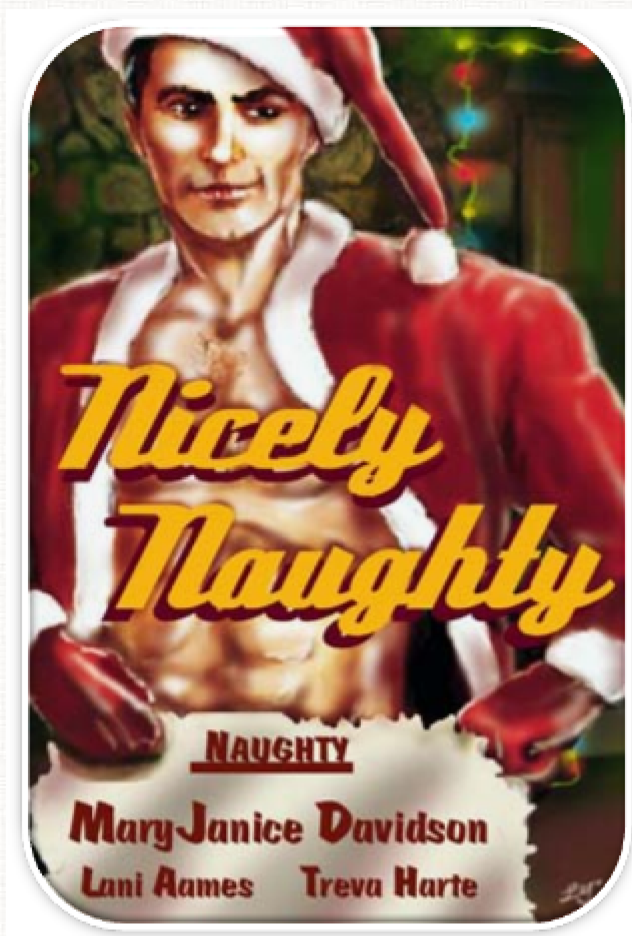
Disponibilização/Tradução/Formatação: Gisa
Revisão: Olga Lígia
Revisão Final: Tessy Silva
Projeto revisoras traduções







Um homem lobo



Wyndham procura uma companheira.

Uma desbocada, e rechonchuda membro do Exército de Salvação que cheira como pêssegos amadurecidos e tem olhos de cor chocolate Godiva.

Depois que ele a resgata de uma intoxicação causada por algumas ostras estragadas, ela promete ficar toda a noite. Mas ele quer que fique para sempre.

Para Giselle Smith, se não fosse por ela, esta teria sido uma história muito diferente.

Capítulo Um

Alec Kilcurt, proprietário da Holding Kilcurt e o homem lobo mais poderoso da Europa, atingido por uma pesada nevasca, lamentou não estar em qualquer outro lugar, menos ali.

Parou e ficou em pé obedientemente com o resto da pessoal, esperando que o semáforo mudasse. A neve o açoitava com uma malícia que ele quase podia sentir. Isto não fez nada para melhorar seu humor. Não gostava de sair de sua casa por qualquer razão, mas ser chamado na América para fazer homenagem ao Menino Maravilhoso era um pouco demais.

E ainda por cima estava envergonhado; seu dever nunca tinha parecido uma tarefa antes. Ele admirava e respeitava os líderes da manada, Michael e Jeannie Wyndham. Michael era um homem bom e um líder adequado; sua esposa era uma garota de primeira -uma Craque- e a bebê Lara era adorável. Desde o início, o bebê Lara seria provavelmente sua seguinte líder, a presença de Alec ,a presença do lider dos homens lobo de cada país, tinho sido requerida tanto por motivos políticos como por práticos. A Manada tinha aproximadamente 300.000 membros; a unidade era tanto um desejo como uma necessidade.

Infelizmente, a visita aos Wyndham em seu feliz lar só exacerbou sua própria solidão. Ele procuru uma companheira durante anos, mas não... como diziam os humanos? Nunca tinha encontrado a mulher certa. Pensou que era engraçado as mulheres humanas se queixarem que os homens não se comprometiam. Um homem lobo macho livre provavelmente iria querer depois do primeiro encontro. O que era um homem, depois de tudo, sem uma companheira, sem pequenos cachorrinhos?

Nada, é o que era. A reunião pela Lara foi um grande alívio; os líderes sem herdeiros deixavam todos nervosos. Ver a felicidade de Michael, por outro lado, era uma tortura.

Agora seu dever estava completo, graças a Deus. Seu avião sairia de Boston esta noite, e nada o impediria de ir.

Maldição! Mais neve! E provavelmente não seria muito melhor, quando chegasse em casa. Realmente, não havia nada mais que esperar até a primavera. Outros de sua espécie apreciavam ficar pulando pela neve de quatro patas, mas aqui estava ele, um proprietário de terras peludo que odiava ter os pés molhados.

E Boston! Cinza, chuvoso, fúnebre Boston, que cheira como lã molhada e escapamentos. Teve vontade de pôr o cachecol sobre seu nariz para amortecer o cheiro de pêssegos, pêssegos amadurecidos?

Massas de pessoas sem lavar e …

Pêssegos?

Parou de repente, e sentiu como um murro, enquanto o casal que andava atrás dele chocou–se de repente com suas costas. Ele apenas os sentiu. Mal ouviu suas queixas. Girou empurrando-os. Recuou sobre seus passos, suas fossas nasais flamejando, tentando apanhar o elusivo,

DING DONG DING DONG DING DONG DING DONG

embriagador, e

DING DONG DING DING DONG DING DONG

completamente maravilhoso cheiro.

Ele ficou rígido, como um cão diante de um objetivo. Ali. Na esquina da rua. Traje vermelho bordeado de branco. Uma mão enluvada em branco sacudia um maldito sino. O ventre tremendo como um tigela de geléia. O glorioso cheiro vinha do Papai Noel.

DING DONG DING DONG DING DONG DING DONG

Ele cruzou a rua sem olhar, ignorando os assobios de buzina, e os chiados de freios. quanto mais perto estava, melhor cheirava o Noel.

DING DONG DING DONG?

- Santo Deus!, não há nenhuma pressa-disse o Noel em um contralto assustado, baixando sua barba e entortando os olhos para ele. Seus olhos eram de cor chocolate com leite Godiva. Suas bochechas estavam ruborizadas, beijadas pelo vento. Seu nariz arrebitado. Adorável. Deu-lhe vontade de beijá-la. -Quero dizer, o cofre e eu não vamos a lugar nenhum.

-Não,- disse ele, ou um algo parecido.

-Você tem que esquecer realmente a postura de "pedestres têm a preferência de passagem" nesta cidade -... Errr... tudo bem?

Ele estava inclinado sobre ela, apreciando-a. Agora afastou para trás.

-Bem, tudo está bem. Jante comigo.

-São dez da manhã.-Ela piscou para ele. Um floco de neve se moveu em espiral para baixo, aterrissando em seu nariz. Derretendo.

-Então um almoço.

A mulher olhou para si mesma, como assegurando-se de que, sim, ela efetivamente estava vestida com o modelo menos atraente que uma mulher podia ter posto. – Você está bem?- perguntou por fim.

-Nunca me senti melhor. E era verdade. Este estava se tornando rapidamente o melhor dia de sua vida. Ele tinha visões de passar o resto do dia rodando entre lençois de algodão egípcio com a Noel. -Almoço.

Ela o olhou atentamente com adorável suspeita. -É uma pergunta? É este seu primeiro dia fora de uma Instituição mental?

Bem, Bem, ela era humana. Tinha que ser cortês. -Almoço. Por favor. Agora.

Ela se pôs a rir, pondo uma mão sobre seu grande estômago para impedir que caisse no chão. Como se ele tivesse deixado que acontecesse. -Sinto muito,- ofegou ela,-mas o absurdo disso... você.... enfim que me surpreendeu.- Ela desviou seu olhar para sorrir para a mulher que acabava de colocar um dólar no cofre. -Feliz Natal, senhora, e obrigado.

Agora que ele não contemplava seus olhos, sentiu-se gelado e se deu conta que seus pés estavam molhados. Maldição!

-Não posso ir almoçar agora,-disse ela amavelmente, olhando atrás dele. -Não posso deixar meu posto até o meio-dia.

-Nem sequer se você recolher muito dinheiro antes?

-Não, nem sequer se papai noel em pessoa viesse me substituir.

-Ao meio dia, então.

- Bem, de acordo. Ela sorriu com um gesto tímido. -Você me perdoará. Espere até que me ver fora deste conjunto de Noel. O espasmo de luxúria quase o atirou na calçada. -Não sou nada bonita,- terminou ela com encantadora ingenuidade.

-Meio-dia,- ele disse outra vez,- depois tirou um maço do bolso do casaco. Arrancou o clipe do dinheiro, e deixou cair oito mil dólares no cofre. -Voltarei.

-Se isto for dinheiro do banco imobiliário,- gritou ela atrás ele, -nada de almoço!

Capítulo Dois

Giselle Smith olhou para o visitante de passagem do planeta Hunk afastar-se. Quando ele tinha se precipitado para ela, quase tinha deixado cair seu sino. Ali estava ela, tilintando em busca de caridade cristã, e de repente o Homem de Hunk estava bem ali. Não podia acreditar na velocidade em que ele se moveu.

Seu cabelo era de cor mogno profundo, verdadeiro. Seus olhos eram uma espécie curiosa de marrom, à luz eram quase de cor ouro. Seu nariz era fino e sua boca oooh, sua boca! Uma mulher poderia contemplá-la e pensar... ah, toda espécie de coisas. Ele era alto, também; teve que esticar o pescoço para olhá-lo. mais de dois metros, com certeza. Ombros como de um nadador. Casaco de lã preto até o joelho, visivelmente caro e magnífico como poucos. Luvas pretas cobriam suas mãos grandes; o sujeito era do tipo que podia agarrar com a palma da mão uma bola de basquete, sem nenhum problema.

Ele tinha vindo correndo através da rua para, de entre todas as coisas, para pedir um encontro para almoçar. E lhe dar milhares milhares de dólares!.

A ela, Giselle Smith. Cabelo castanho aborrecido, olhos cor indefinida. Muito baixa, e definitivamente muito gorda. A coisa mais interessante nela era seu nome. O que sempre fazia com que o pessoal se enganasse de qualquer jeito.

Obviamente era um assassino em série, pensou tristemente. Bem, almoçaremos em um lugar público onde posso gritar desesperadamente se ele começar a afiar as facas.

Era muito estranho. Ele era realmente espetacular. Que demônios poderia querer um sujeito assim como ela?

* * * * *

Alec olhou para mulher (ele ainda estava zangado consigo mesmo por não conseguir seu nome... ou ter dado o seu, na verdade) de meio quarteirão de distância. Sua localização era excelente: Poderia vê-la perfeitamente e, melhor, ele estava na direção do vento.

Pensou na conversa e amaldiçoou outra vez. Tinha balbuciado como um idiota, ordenou que almoçassem juntos, contemplou-a como se fosse uma pequena chapeuzinho Vermelho. Sim, como uma pequena cereja vermelha … hmmmmm.

Ele tirou sua mente daquela imagem mental deliciosa (para comê-la melhor, querida, comê-la inteira...!) e se concentrou em pensar em quão idiota tinha sido. Era um milagre que a mulher tivesse aceitado, também era um milagre que não tivesse batido na sua cabeça com o sino. Ele tinha que ter muito cuidado no almoço; era imperativo que ela não se assustasse. Agradeceu a Deus que faltavam semanas para sua Mudança; se tivesse captado seu cheiro um pouco mais perto da lua cheia, ele a teria assustado mortalmente. Literalmente.

Deus, ela era tão adorável, olhando-a, sacudindo seu pequeno sino para quem merecia. Muitas pessoas pararam (atraídas, sem dúvida, por seu encanto) e deixaram dinheiro no cofre. Como é bonita! Eles teriam que dar a ela barras de ouro, deveriam jogar rosas em seus pés, deveriam....

Ele se afastou da parede, horrorizado; alguém não tinha doado dinheiro! Um homem bem vestido no grupo de trinta pessoas tinha aberto a carteira e pegado o dinheiro, e continuou seu caminho alegremente.

Alec se moveu. Em um segundo se aproximou e tinha rodeado o homem, segurou-o com uma mão e o empurrou em um beco próximo.

-Wha-aaaggh!

-É de cachemira, disse Alec, sua mão acariciando o casaco do homem.

-Deixe-me ir,- gritou o homem, cheirava como urina rançosa —o cheiro do medo. --Ou gritarei por socorro!

-Seus sapatos,- seguiu Alec, afoito,- são de Gerbard de Londres, e não custam menos de oitocentas libras. - Só Samuel Gerbard usava aquela espécie de couro flexível para elaborar seus artigos de calçado; o cheiro era inconfundível. -E isto é uma maleta do Coach.

-Gggglllkkkk!

Talvez estava segurando o homem com um pouco de demasiada força. Alec afrouxou seu apertão. -O assunto é, que você pode ficar em pé, se o fizer para compartilhar, um pouco com os outros durante estas Festas.

-O que?

-Volte,- ele grunhiu,- e coloque dinheiro. No cofre.

Ele o soltou, O homem fugiu. Na direção correta —para sua doce Papai Noel.

Um minuto mais tarde, Alec estava de volta em seu posto de vigia. Confirmou no seu relógio pela trigésima vez na última meia hora. Noventa minutos ainda. Uma eternidade.

Uma eternidade mais tarde, às 11:57, ele notou que alguns adolescentes estavam escondidos preparados para fazer algum movimento. Três deles estavam farejando pelo quarteirão durante os últimos quinze minutos, tinham olhado seu encontro para almoçar muito estreitamente. Era pelo dinheiro, é obvio; eles queriam o dinheiro do almoço ... ou os oito grandes que ele tinha jogado. Seria estúpido, exceto um deles gestos como checar as armas, o que significava que ele tinha que ter um pouco de cuidado.

Seu movimento levou-os diretamente para ele; estendeu a mão e empurrou de repente o que levava a arma contra o edifício. Um menino? um adolescente? caiu enfraquecido na calçada.

Seus amigos eram um pouco lentos para se darem conta; finalmente deram a volta e quase tropeçaram com seu inconsciente líder. Viram Alec, que estava em pé sobre o vândalo inconsciente, sorrindo. Bom, mostrando todos seus dentes, melhor dizendo. –Peguem o cofre de alguém mais,- disse ele.- Ah, esperem, que a mensagem está incorreta. -Não peguem o cofre de ninguém - gritou atrás deles, mas era muito tarde, tinham saído correndo.

Ele olhou seu relógio outra vez. Era meio-dia!

Capítulo Três

-É Giselle,- disse ela a Hunka Hunka Burnin' Love.-Giselle Smith. E você ...?

-Alec Kilcurt. Tem um nome encantador.

- Sim, obrigado. Sobre isto. Os elogios intermináveis. Qual é o truque? Agora que estou fora do traje, pode ver que não sou nada especial.

Ele riu dela.

Ela franziu o cenho, mas continuou.-Muito baixa, muito gorda.

Ele riu mais forte.

-Mas você continua me adulando e espero a rasteira para cair. Você é do censo, não é? Um vendedor? Quer me vender uma geladeira. Uma co-propriedade. Um rim. Deixe de rir!

Ele finalmente parou, embora um bufo ocasional escapasse. Ele estalou seus dedos, e a gloriosa ruiva na mesa do lado, que tinha estudado-o fingindo desempoeirar seu nariz, prestou sua completa atenção. Suas pestanas revoaram. Ela lambeu seus lábios vermelhos, brilhantes.

Alec estendeu sua mão, e depois de um perplexo momento a ruiva colocou a caixa de ruge em sua palma.

-Obrigado,- disse ele descuidado. Então ele o abriu, e o mostrou a Giselle.- Isto é o que minha gente chama de espelho,-disse ele com seu acento escocês ultragrosseiro. -Deveria passar mais tempo se olhando em um.

-Sei o que é um espelho, estúpido,- ela falou entre dentes. -malditamente bem. Deixe de sacudir esta coisa diante de mim ou não conseguirá nada agradável para o Natal.- Ela deu um golpe na bolsa com seus pés, que continha seu traje.- Tenho amigos nas mais altas esferas.

-Está zangada comigo? Perguntou, encantado. Ele devolveu o ruge à ruiva com apenas uma olhada.

-Sim, um pouco. Não tem que parecer tão feliz por isso.

-Sinto muito. É só... que sou muito maior que você.

-E quase tão inteligente,- disse ela alegremente.

-A maioria das mulheres que encontrei me acham um pouco intimidante.- Ele sorriu. Giselle sentiu seu estômago se apertar, e depois dar um tombo. Deus, que sorriso.-Em minha… família... entesouramos as mulheres que dizem o que pensam.

-Então hoje você ganhou na loteria, amigo. E não respondeu a minha pergunta. O que está tramando?

Ele estendeu a mão, e sua mão grande se fechou sobre a sua pequena e fria. Seu polegar acariciando sua palma, lentamente. Seu estômago deu outro tombo, e outro que ela sentiu claramente mais abaixo. - Por que? Para seduzí-la, é obvio, murmurou ele.

Múltiplos alarme internos dispararam.

-Quem é você?- disse, quase ofegando.

-Ninguém especial. Só um cavalheiro que procura sua dama.

-Ah, tem título, também? Bem, é óbvio que sim. É o que se chama.

-Sou Lord Kilcurt.

-Mas seu nome é Kilcurt. Não acha que o título tem que ser completamente diferente? Como Alec Kilcurt, lord do Barraco de Pedágio? Ou algo assim?

Ele riu.

-Algo assim. Mas minha família faz as coisas de modo diferente. Muito insípidos... Eu gosto da idéia de ser o lord de batatas fritas de chocolate.

O garçom veio, trocou suas bebidas, e deixou as duas dúzias de ostras que ela tinha pedido. Ela retirou sua mão, não sem relutância. Já que ela imaginava que este seria seu primeiro e último encontro com este homem, tinha pedido imprudentemente. Ele alucinaria quando visse e fatura provavelmente gastava todo seu dinheiro em roupas e, considerando seu fino porte, só comia aveia uma vez ao dia.

Enganou-se outra vez. Ele olhou aprovadoramente o ridículo tamanho do aperitivo. Ele estava apoiado no encosto de sua cadeira, estudando-a. Tinha, se isso fosse possível, ainda melhor aspecto que pela manhã. O casaco caro estava desabotoado, revelando um esplêndido físico encaixado à perfeição em um traje cinza escuro. Seu acento, notou, ia e vinha, segundo o tema de conversa.

-Você não viveu na Escócia toda sua vida,- observou ela, bebendo seu segundo daiquiri. Normalmente não era uma grande bebedora, mas sentiu a necessidade de beber hoje.

-Não. Minha família tem freqüentemente negócios em Cape Cod, assim passei muito tempo em Massachussets. E estudei em Harvard. Provavelmente vivi na América tantos anos como na Escócia.

Universitário, magnífico, rico, elegante. Era isto a Câmera Indiscreta, ou o que? -Isto faz sentido... notei que seu acento vem e vai. Quero dizer, às vezes é realmente fraco, e às vezes é bastante forte.

-É forte,-respondeu ele,- quando estou cansado. Ou zangado. Ou ... excitado.

-Bem, isto é,-disse ela, baixando de repente sua taça. -Quem é você? O que quer de mim? Ganhei 18.000 dólares o ano passado. Sou pobre, normal, com malditos quadris para a maternidade e grande traseiro sou a menos adequada. Que demônios faz aqui comigo?

Seus olhos se estreitaram.

-Terei que encontrar as pessoas que a convenceram de tais coisas. E terei um longo bate-papo com elas.

-Responda a minha pergunta, Groundskeeper Willie, ou me mando.

Ele pareceu perplexo por sua referência à cultura do pop, mas deu de ombros e respondeu bastante facilmente.

-Decidi passar o dia tentando convencê-la de colocá-la em minha cama. E penso em me casar com você. Isto é o que faço aqui com você, meu encantador e pequeno presente de chocolate.

Ela sentiu que boca abria. Sentia sua face ficar como um tomate. Se isto era uma brincadeira, era uma bastante boa. Se falava sério, ele estava louco. Ela se agarrou à única coisa que poderia perguntar sem perigo. -presente de chocolate?

-Seus olhos são da cor do chocolate realmente bom... Godiva, acredito. E seu cabelo parece molho doce. Rico e escuro. Isto contrasta magnificamente com sua pálida, pálida pele. Suas bochechas rosadas são… a cereja do bolo.

Ela acabou o resto de sua bebida em dois goles monstruosos.

Capítulo Quatro

-Sinto muito,- gemeu ela fracamente. As suarentas mechas de cabelo pegavam em seu rosto e têmporas.

-Está tudo bem, moça.

- Eu sinto tanto.

- Não se preocupe. Já vomitaram em cima de mim antes.

Ela gemeu outra vez, desta vez pela completa humilhação. Ela não tinha vomitado perto dele. Não tinha vomitado ao redor dele. Realmente tinha vomitado em cima dele. Ooohh!

-Você prometeu me matar,- lembrou com uma voz rouca. As portas do elevador se abriram e ele a colocou facilmente em seus braços, e a levou pelo vestíbulo. -Não esqueça.

Seu peito retumbou quando ele afogou uma risada. -Bem, não prometi matá-la exatamente, coração.Só levá-la até meu quarto para que pudesse se recuperar.

-Estarei bem uma vez que me baixe,- mentiu ela. A morte vinha para ela! Ela podia sentir seu apertão gelado na nuca. Ou era o gelo de seu terceiro ou quarto daiquiri? -Só preciso me pôr em pé,- disse outra vez.

-Doce, está em pé.

-OH, cale-se, o que você sabe?- disse de mau humor, sentindo-se cada vez mais enjoada olhando como se moviam os painéis do teto. -E devagar. E me mate de uma vez!

-Geralmente as senhoras esperam até o segundo encontro antes de me pedir para matá-las,- disse ele, com expressão séria. Ele parou diante de uma porta, mudou seu peso, e de algum jeito conseguiu segurar o cartão chave, abrir a porta, e entrar no interior sem soltá-la.

Duas garçonetes do hotel e uma mulher em um formal traje vermelho os esperavam. Giselle teve uma vaga lembrança da mulher de vermelho examinándo-a enquanto o som da água corrente caía sem cessar no quarto contigüo. Ela se sentia como adormecida... era o único modo de descrever. Em um momento as coisas eram claras como o cristal, muito agudas, muito fortes — e no seguinte ela mal podia ouvi-los murmurando. Era aborrecido,e ela disse isso. Repetidamente.

-Banho morno fará muito bem.

-Está tão doente, é muito preocupante...

-Intoxicação alimentícia leve...

-Ela estará bem,não...

-Perto de sua Mudança isso será um problema?

-Cancelarei meu vôo antes, então ela poderá...

-Tomar liquidos...

Ela se levantou cegamente. Qual é seu nome? é (Alec? Alex?)

Ele segurou sua mão, sustentando-a fortemente. -O que quer, doce? Quer algo para beber?

-Não, quero que DEIXE DE GRITAR! Como posso morrer tranqüilamente se vocês continuam gritando?

-Tentaremos falar baixo.

-E não estou com humor, tampouco,- resmungou ela.-Ah, e agora, o que é esta merda?- Ela estava sendo despida e tirada da cama. -Ouça, parem isto! Não há por aqui uma bolsa de gelo ou um martelo ou algo assim? Tudo o que tem que fazer é me bater realmente forte e meus problemas terão acabado.

-Sentirá melhor em vinte e quatro horas!- a mulher de vermelho gritou.

-Jesus, tenho que fazer mimicas para que me entendam? Não tão alto! E estarei morta, morta em vinte e quatro horas, muito obrigado, e — aonde vamos?

No banheiro. Especificamente na banheira. Ela começou a protestar alegando que uma mudança de temperatura em seu estado a mataria, mas a água morna que sentiu tão deliciosa a fez calar metade e grunhir outra.

E isso foi tudo. Durante bastante tempo.

* * * * *

Giselle despertou e soube duas coisas imediatamente: 1) arrebentaria se não fosse ao banheiro dentro de alguns segundos, e 2) estava faminta.

Ela tropeçou na escuridão perto do banheiro, fez uso das instalações pelo que pareceu meio-dia, e escovou seus dentes com a escova nova que encontrou na bancada.

Enquanto escovava, fazia gargarejo e cuspia, os acontecimentos humilhantes do dia a assaltaram. Trabalhando com a sineta, encontrando-se com Alec, bebendo e jantando —e meu Deus, ele paquerou ela! - então foi quando vomitou sobre ele (gemido) e a mesa foi lançada longe.

Todo o ocorrido depois disto, era como se diz, um borrão. Há misericórdia no mundo. Perguntou-se onde estaria Alec. Perguntou-se onde ela estava.

Ela voltou para o quarto na casa de Alec e observando pela janela. Viu uma assombrosa vista do New England Aquarium e, mais à frente, o porto de Boston. Era muito tarde; mais de meia-noite, mas não perto do nascer-do-sol; o céu estava completamente negro, e havia pouco movimento de tráfico.

Então estavam no embarcadouro, provavelmente no hotel Longwharf Marriott. Freqüentemente se perguntou, quando passava perto, como seria ficar ali com alguém glorioso.

Bem, agora sabia.

Deu a volta para acender a luz e viu Alec pela primeira vez. Estava sentado em uma cadeira perto da porta, olhando-a. Seus olhos brilhavam na escuridão.

Ela gritou e teria caído pela janela se esta estivesse aberta. Em vez disso, ele foi golpeado fortemente na cabeça com o vidro.

-Sim, um típico encontro, de qualquer ponto de vista,- disse ele a modo de saudação.

-E boa noite para você, também, menino!

-Ora, realmente.

-Me deu um susto mortal.- Quando ela o viu a princípio...era um truque da luz, obviamente...seus olhos haviam.. bem.. parecido brilhar na escuridão, como os de um gato da noite. Muito desconcertante, para não dizer outra coisa. -Seus olhos, Jesus!

-Para vê-la melhor, querida. E meu nome é Alec.

-Muito engraçado.- Ela se apoiou contra o aquecedor, ofegando pela aumento da adrenalina. -Nunca mais faça isto outra vez.

-Sinto muito.- Ele engoliu um sorriso. -Eu olhava você dormir. Quando despertou, foi em linha reta tão decidida ao banheiro, tive medo de fazer algo que pudesse retardá-la. Está doente outra vez, doce?

-OH, não. E sobre esta tarde...

-Quando você..er..me deu de presente seus daiquiris e ostras e peixe-espada e picadinho de chocolate e bolo tatin?

-Nunca, jamais falaremos disso outra vez,- disse ela decididamente.

Ele riu, encantado, ficou em pé, com um movimento tão rápido que se ela tivesse piscado o teria perdido, e cruzou o quarto. Um segundo depois ele segurava suas mãos. -Estou tão contente que esteja melhor,-disse com tal sinceridade, que ela pela primeira vez sorriu em horas. -Estava muito preocupado.- Disse com seu sotaque encantador, que se tornou um Estooou tããããão contente de vêêê-la melhorrrrr . Estaaava muiiiiiiito prrrreocupado.

-Estou muito feliz de me sentir melhor também. Deus, nunca fiquei tão doente! Imagino que seria uma alcoólatra terrível,- admitiu ela.

-Não foi o álcool. A doutora disse que foi por uma intoxicação alimentícia. De fato este hotel... cheio de clientes do restaurante, afetados pelas ostras e estão descansando devido a isso.

Ela pensou que deveria soltar suas mãos do apertão dele, mas não podia decidir a dar esse passo. Suas mãos ao redor das dela, estavam quentes quase ardendo...e olhar sua incrível face estava sendo simplesmente muito bom. -Que doutora? Era a senhora com o traje vermelho? Lembro de alguém de vermelho que não parava de dar gritos ...

Os lábios de Alec se curvaram em um sorriso. -A doutora Madison é uma mulher que fala muito suavemente, na realidade. Ficou muito sensível ao ruído quando estava doente. Chamei-a quando você ah....

-Lembre-se. Nem mencione.

-..ficou indisposta,- terminou ele delicadamente, mas sem deixar de sorrir.- Ela me ajudou a cuidar de você.

-Ah.-Emocionada, ela apertou suas mãos. -Obrigado, Alec. Suponho que sou uma garota de sorte por estar com você.

-De sorte?- O sorriso desapareceu.-Foi culpa minha que adoeceu, o mínimo que podia....

-Sua culpa? Amarrou-me e obrigou a comer as ostras, não é verdade?- ela disse secamente. -Dificilmente. Se por acaso não notou o tamanho excessivo de meu traseiro, sou uma pessoa com um apetite sadio. Fiquei tão inacreditavelmente doente porque comi muito.

Ele apertou seus dedos em resposta. Ela sentiu de repente um poder a esmagando, mas controlado. -Adoro seu traseiro.-adorrrro seuu traseiro.- Ela estava louca, ou se fazia sua pronúncia mais forte por momentos? O que havia dito? Que isto ocorria quando ele estava zangado ou...

Ela arrebatou suas mãos de seu apertão. -mãos longe, macaco. É hora de ir daqui, diabos.

-Preferiria que não me chamasse assim,- disse ele, muito suave.-É um verdadeiro insulto de onde venho.

-Estão realmente zangados com os macacos na Escócia, não é? Bem não importa. Tenho que ir agora, foi divertido, err..adeus.

-Não pode ir.- Ele cruzou os braços sobre seu peito e sorriu com satisfação. - Sua roupa está completamente arruinada pelo incidente.. que... não.. pode... ser.. mencionado.

Pela primeira vez, ela se deu conta que tinha posto uma camisola de flanela. Tinha um pescoço de laço recatado que tocava seu queixo, e a barra era três centimetros mas comprido que seus pés. Como podia não ter notado isto antes? Acabava de ir ao banheiro, por Deus. Certamente tinha tido tanta vontade de fazer pipi que não se deu conta de nada mais, mas ... fez uma revisão rápida e descobriu que tinha sua velha calcinha sob o vestido. Fiuuu!

As sobrancelhas de Alec se arquearam enquanto ela se media, mas sabiamente não disse nada. -O médico disse que teria que descansar e ficar tranqüila até que você... er...purgasse seu...

-Ah, Cristo.

-De qualquer jeito. -Ele virou enérgico. -Fiz com que o pessoal lhe trouxesse algo para dormir.

Qualquer pensamento de que estivesse, embarcado em um plano de sinistra sedução se evaporou quando ela manuseou a flanela cinza. Parecia um extra na Pequena Casa na Pradaria. –Obrigado.- Ela sorriu apesar de tudo. -Flanela?

Ele deu de ombros. -Faz frio de onde venho. Quis que estivesse acomodada.

-Estou,-assegurou ela com rosto sério.-Mas seria mais cômodo se eu conseguisse sair do quarto de hotel de um estranho.

-Estranho?- Ele sorriu abertamente, todo maldade e travessura. -depois de tudo o que compartilhamos hoje? Que vergonha!

Ela riu; não pôde evitar. Rápido e sem pensar, a mão dele subiu e segurou um de seus cachos; ele puxou, e o olhou, quando ele voltou para seu lugar. Uck. -Sinto muito.

-Não importa, agora.

-Não, realmente... sei, pareço Bozo o Palhaço na mescalina. Se Bozo não tivesse o cabelo vermelho. E realmente curto. E fosse uma mulher. Deveria vê-lo no verão ... uma bola gigantesca! Escondam as crianças!

Ele estava observando seu cabelo. Eu gostaria de vê-lo no verão.

-OK,- ela disse, brincando,-e eu quereria ver meu uniforme de Papai Noel . Posso usá-lo no banco do metrô a caminho de casa.

-Às duas da manhã? Sozinha?- Ele pareceu mortalmente ofendido. -Acredito que não. Além disso...- Sua voz se fez ardilosa. -Não está faminta?

Faminta! Ah, Deus, ninguém na história de Noel batendo o sino por macarrão tinha estado alguma vez tão faminto. Ela realmente se balançou sobre seus pés só de pensar em comida.

-Esta é minha garota- vamos chamar o serviço de quarto. O que você vai querer.

-Terei que conseguir minha bolsa....

Ele franziu o cenho ameaçador. -Não toque em sua carteira.

-Bem, discutiremos sobre isso mais tarde. Onde está o menu? Deus, poderia comer uma vaca.

-Conheço a sensação.

Ela pediu um filé, molho, purê de batatas e suco de carne, brócolis e meio pão de arroz selvagem. -Este vai sair realmente caro,- ela advertiu. -Está seguro que não posso ...?

-Completamente seguro. É um alívio estar com uma mulher que come.- Ele se sentou ao lado dela na cama e suspirou. -Nunca entenderei o costume americano da fome. Estão no país mais rico do mundo e as mulheres não comem.

-Ouça, não olhe para mim. Pode ver pelo tamanho de meu traseiro.

-Muito tentador. Primeiro vamos ver como se sente depois de comer.

Ela deu uma olhada com incerteza, viu seu olhar baixo entrecerrado. Parecia incrível, mas o homem realmente estava se esquentando pensando em seu nada tonificado traseiro. Se suas palavras não tinham sido suficiente para convencê-la, seu espesso acento o confirmava.

Era tudo muito estranho. Por não dizer maravilhoso. E um.. pouco... ligeiramente alarmante.

Capítulo Cinco

Ela comeu muito bem. Despachou tudo, e depois pediu um refresco. Ele a olhou com puro prazer. E agradeceu a Deus de novo que ele não estivesse perto de sua Mudança.

Manter suas mãos —e sua boca! – quietas começava a ser uma tarefa dolorosa. Não tinha sido um problema quando ela estava tão miseravelmente doente, mas agora que se sentia obviamente melhor ... custava dirigir-se a ela; sua língua se sentia grossa em sua boca. Estava simplesmente tão adorável, viva, atraente e fragrante. Quando tinha pegado em um de seus lustrosos cachos, havia custado um truinfo impedir de inundar ambas as mãos em seu cabelo e beijar sua boca.

Tinha ficado louco de preocupação por ela, não tinha saido de seu lado do momento em que vomitou seu almoço sobre seus sapatos. Ele ia ver a cabeça do chefe de cozinha em uma lança...ou seu nome arruinado...antes de que sol saísse outra vez.

-Isto está melhor,- suspirou ela, limpando sua boca com um guardanapo. Era uma boca encantadora; ampla e generosa. Quando ela sorriu, o lábio superior formou um arco encantador. Ele teve que concentrar-se com força para não chupar aquele lábio com sua boca. -Bem. Sobre minha iminente partida. Não, é que não tenha sido um perfeito cavalheiro.Você é. Sim, é obvio! Mas, o assunto fundamental, é que o conheço só há vinte horas.- Ela ficou em pé e começou a passear.-Assim, definitivamente não vou dormir em seu quarto de hotel... mais, quero dizer.

-Poderia não dormir,- brincou ele, segurando sua mão e a puxando para ele. Seu escuro olhar fixo a capturou, sustentou-o. Uma ruga apareceu entre suas sobrancelhas quando ela franziu o cenho. Ele beijou essa ruga.

-Agora me escute, Grabby McGee ... ah!

Ele beijou a doce curva de seu pescoço. E ficou perdido. Ele não deveria fazer isso, ela...e não por instinto...apoiou-se na carícia de sua boca. Ele a segurou, encontrou o esplendor suave de seus cabelos, e tomou sua boca com a sua. Cheirava como sorvete de baunilha.

-OH, Deus,-disse ela, quase gemeu, em sua boca. -parece um sonho. O melhor sonho que já tive.

-Eu penso o mesmo.

-O que? Sinto muito, seu sotaque...- Ela riu bobamente e beijou seu queixo.-é tão forte que mal o entendo.- O qual, por certo, tomarei como um complementado a minha enorme sensualidade.

-Deveria. Fique comigo.

-Não posso.- Ela se movia com pesar, mas ainda se movia...para soltar-se de seu abraço. Tentadoramente, em qualquer caso. Ele não tinha nenhum problema de mantê-la no círculo de seus braços. -Sinto muito. Eu gostaria. Não posso. Devo ir.

-Mas você quer.- Ele encontrou seu seio....não facilmente, considerando seu enredamento na flanela cinza...e o apalpou em sua palma. O firme e quente peso fez com que sua cabeça desse voltas. –Você é minha e eu sou seu, encantadora Giselle. Além disso, não vou deixá-la partir.

-O que?

-É mais, e se recair?

-Ah. Acredito..olhe, encontro-me bem. Não acredito que volte a adoecer outra vez.

-Mas e se ocorrer..prometi à doutora Madison que cuidaria de você durante as vinte e quatro horas seguintes. Só passaram seis.

-Mas me sinto bem.

-Mas eu prometi.

-Bom... se você prometeu... e são ordens da doutora...- Ela enfaquecia. Ela queria ser persuadida. Então ele a persuadiria, Por Deus.

Capítulo Seis

Um minuto eles, tinham uma conversa (razoavelmente) civilizada, e no seguinte suas mãos estavam em todas partes. Sua camisola foi enrugada, empurrada, e finalmente arrancada dela. Com sua força pondo-a de costas sobre a cama.

-Alec!-A surpresa fez sua voz mas aguda do que de costume.-Vou lhe explicar em voz alta, sinto-me como se estivesse agarrada em uma máquina de exercício...aaaiii!"-Os 'aaaiii' eram porque sua cabeça estava de repente esfregando-se entre seus seios, seus longos dedos rodeavam um de seus mamilos, puxando com impaciência o broto. Uma explosão de calor subiu por seu estômago como um cometa. E falando de cometas, que demônios era o que pressionava contra sua perna?

-Não acredito que isto seja o que a doutora tinha em mente...começou outra vez.

-Giselle, minha vida, meu caramelo, eu farei tudo o que você pedir.- Ele tinha esta conversa com seu decote. -Mas por favor pode deixar de falar durante um minuto?

-Esqueça. Reservo meu direito de falar como você se reservou o direito de rasgar minha agradável e nova camisola,- ela informou ao alto da cabeça dele. E suas velhas calcinhas. Bem, ao menos não era dia de lavanderia. Nenhum calção da Avozinha para ela, muito obrigado!

Ela se esforçava por soar friamente lógica, normal, mas a boca dele estava ocupada mordiscando beijando e chupando; e era malditamente maravilhoso. Mal! Ela queria dizer mal. Deveria dar um chute nas bolas dele. por que não estava dando um chute nas bolas? Ou ao menos gritando para pedir ajuda?

Porque ele não estava fazendo mal. Porque a desejava com uma clara e faminta paixão, que nenhum homem tinha mostrado alguma vez. Porque ela estava louca por ele com uma loucura do tamanho da Austrália. Porque se ela gritasse ele poderia parar.

-Ahhh ... ajuda?- disse fracamente, um momento antes dele se elevar e sua boca estar sobre a dela. Ele cheirava a limpa e masculino; seus lábios eram quentes e firmes e insistentes. Sua língua desenhou seu lábio inferior, depois empurrou dentro de sua boca. Reclamando-a. Sua virilha apertava contra a sua e ela poderia sentir seu ... Err ... pulso.

Ela retirou sua boca da dele, não sem pesar. Se a beijasse assim outra vez, estava acabada. Adeus, modelo de garota boa. Olá, nova vida como uma aprendiz de porca. -Camisinhas!- gritou com cara assustada. -Posso apostar cem dólares que você não tem nenhuma.

-É obvio que não,-disse ele indignado. Ele estava...ack!.. tirando sua camisa. Seu peito estava bronzeado (em dezembro!) e ligeiramente coberto de pêlo negro. Realmente ela o tocou para ver se seu pêlo era tão suave como parecia, depois retirou suas mãos e as apertou em punhos. -Não vim aqui para emparelhar-me. Ter sexo, quero dizer. Estou aqui por negócios. Nunca pensei....

-Bem, pois isto é um problema, Buckaroo Banzai, porque eu não tenho o meu sutiã preenchido com preservativos, tampouco. O que significa olhar, mas não tocar. De fato,- ela acrescentou um murmúrio,-tampouco deveríamos nem olhar.

-Mas você toma pil....ouch, caralho!

Ela tinha formado um punho e tinha golpeado-o entre os olhos. A única forma que pudesse saber que tomava pílula anticoncepcional é se tivesse olhado em sua bolsa enquanto estava doente; tinha parado na farmácia de caminho ao trabalho e tinha recolhido sua receita.

-Tive que fazer isso- disse ele, como se lesse sua mente. Ele esfregou o golpe de sua testa, que se descorava rapidamente.-"A doutora Madison estava preocupada se por acaso tivéssemos que levá-la ao hospital. Ela tinha que saber se tomava alguma medicação.

-Uma bonita história,-queixou-se ela, mas parecia plausível, então ela não continuou batendo. Não é como se ela não o tivesse feito alguma vez em sua vida, mas quão intenso seria?- É uma pílula, Sr. Sabe tudo. Além disso, não estou preocupada com a gravidez...

-Pois deveria,-brincou ele. Exceto pelo fato dela ter duvidado que fosse uma brincadeira realmente.

-Estou preocupada sobre o contágio de algo. Sem camisinhas nossas opções são, graças a Deus, limitadas. Papel transparente e uma borracha? Esqueça. Que eu saiba poderia ser um foco de enfermidades. Eu poria minha vida em suas mãos se o deixasse transar comigo!

-Transar comigo? Engatinhando....Ele se afastou dela — ahhhhhhhhhh!- e começou a andar. Sem camisa, e com um vulto interessante por debaixo da fivela do cinturão. Ela lutou para manter seu olhar fixo em seu rosto. Bem, em seus ombros, ao menos. -Em primeiro lugar, minha família...nós, quero dizer, eu nunca fiquei doente nem um dia em minha vida, e ninguém que eu saiba teve alguma vez....er...problemas nesta área. Segundo, sei que está livre de enfermidades.

-Como sabe?- perguntou com curiosidade. Ele tinha razão, é obvio, mas como podia sabê-lo?

-É difícil de...não importa. E terceiro ... terceiro...-Ele riu a contra gosto e passou uma mão pelo cabelo. Este saiu disparado em todas direções, mas, em vez de parecer tolo, só o fez parecer enormemente desejável. Adoralvemente enrugado. -Giselle, é diferente de qualquer mulher que tenha conhecido. Você...-Ele sacudiu sua cabeça.-Há algo sobre você. Não posso colocar em palavras. Venha para a Escócia comigo.

Ela tinha estado arrumando afanosamente as mantas sobre ela, embora fosse um pouco tarde para a modéstia, e o olhou.

-O que? Escócia? Quer dizer, como de visita?

-...certo. Uma visita.-Ele sorriu abertamente.-Começando amanhã, e terminando jamais.

-Sim, sim. Olhe, se continuar pensando o mesmo amanhã ... hoje mais tarde, quero dizer... Eu poderia deixar meu número de telefone. -*E nunca ter notícias suas outra vez, provavelmente.*

-Precisamos de Papai Noel na Escócia,- disse ele seriamente. -pode ser um lugar muito solitário.

-Ah, vamos lá!- Ela começou a soltar risadas tolas, e riu mais forte quando ele se inclinou em cima dela como um gato grande. Um bom truque, já que ele estava em pé a vários metros de distância da cama. O homem estava em boa forma, sem dúvida. -Agora, se afaste ... se afaste, agora! Já disse isso, sem camisinhas, não tocar.

-E se eu pudesse lhe demonstrar que não sou um...er...como disse? Foco de enfermidades?

-Provar como?- perguntou com receio. Uma parte dela não podia acreditar que tivessem esta discussão. A última vez que ela fez sexo foi... uhmmm... no ano passado? Dá igual, o assunto era, que isto era diferente para ela.

Bem, por que não? Por que não se saltar sem olhar por uma vez em sua vida ridiculamente cinza? A coisa mais interessante dela era seu nome... Sua mãe tinha sido Jane Smith, de todas as

brincadeiras podres, e quis que sua menina fosse lembrada. Isto não funcionou. As mulheres baixas, rechonchudas com cabelo castanho e olhos marrons não eram exatamente chamativas pela rua.

Até hoje.

-Bem,-disse ela devagar,- e se afaste um minuto, me deixe pensar.- Ela beliscou seu mamilo, com força. Ele grunhiu e recuou.-Assim está melhor. Bem, se pode demonstrar que não tem enfermidades, ficarei a noite com você.-Ela se obrigou a manter seu olhar fixo. Sua face estava tão vermelha que estava certa que sua cabeça explodiria, como aquele pobre imbecil do filme Scanners.-Farei tudo o que quiser até o amanhecer.Dou-lhe minha palavra. E uma Smith sempre mantém sua palavra. -Esta Smith, pelo menos,- terminou em um sussurro.

Ele a olhou, com os olhos muito abertos. Então virou tão rápido...rápido como uma serpente, o que era estranho...e pegou o telefone.

-Espere um minuto, quem está chamando?- perguntou, alarmada. Ela não tinha pensado que ele poderia demonstrar nenhuma maldita coisa às duas da madrugada. -Se for algum companheiro de Escócia que vai apoiá-lo.....

-Estou chamando o Massachusetts General Hospital,- disse ele, sorrindo abertamente.- É suficientemente bom? A Doutora Madison tem privilégios ali. Ela esteve cuidando de minha família durante anos e anos. Dirá-lhe tudo sobre minha história médica se quiser.

Ele pôs o viva-voz do telefone, assim ela poderia ouvir o operador do hospital. Madison foi avisada, e pegou logo o telefone.

-Como se encontra, querida?- perguntou. Ela também tinha acento, mas era a entonação entrecortada de um sangue azul Bostoniana. -Passei um tempo terrível acalmando Alec enquanto estava doente.

-Eu...Aghh!

-Nada de intrigas ociosas,-disse Alec em seu ouvido, e passou um dedo ao longo de sua coluna.

Ela deu a volta e deu palmadas na sua mão para afastá-lo, depois pegou o telefone para que Alec não ouvisse o resto da conversa. -Estou bem, muito melhor... escute, Alec tem alguma enfermidade de transmissão sexual...DST... que eu, como uma potencial...aghh!... companheira sexual deveria conhecer?

-DST? Quer dizer como a AIDS ou...ah querida.....

Giselle sustentou o telefone longe, o melhor para não ficar surda pelo ataque de risada da mulher. Alguns segundos mais tarde, a Doutora Madison se controlou: -me desculpe por isso. Dou minha palavra como médico e como mulher, que Alec nunca ficou doente em sua vida. Nem ninguém de sua família. Eles são um... uma família muito sã.-Outra risadinha.-por que tenho a sensação de que a verei freqüentemente, querida?

-Deixe-me em paz. Bem, então, gra.... –foi tudo que pôde dizer antes de que Alec lançasse o telefone através do quarto, e suas costas na cama.

Capítulo Sete

-Ah ...

-Não tenha medo.

-Acredito que este é o momento adequado para ter medo. Em primeiro lugar, a) é muito maior que eu, e b) estou bastante certa que me apanharia antes que pudesse chegar à porta.

-A) tem razão, e b) tem razão. Pode tentar, é obvio.-Seus olhos brilhavam.- Eu gosto de brincar de Perseguição.

Oooh, Jesus. Ela se deslizou da cama e ele ficou bem atrás dela.-Bem, bem,- disse, quase ronronando, -uma promessa é uma promessa. Não é certo, doce Giselle?

Estranho, o modo em que ele disse isso... junto como uma só palavra: doce Giselle. Gostou. Gostava dele. Era uma boa coisa, também, já que estavam a ponto de sucumbir. -Tem razão. Dei minha palammmuuphhh!-Sua boca estava na sua, ele a abraçava forte e ela se levantou nas pontas dos pés. Sua língua estava em sua boca, tentando e lançando, e ela realmente poderia sentir o mesmo entre suas pernas. Uma de suas mãos rodeava seu pescoço, sustentando-a firmemente. O outro braço estava ao redor de sua cintura por sorte ele tinha braços longos.

Ele interrompeu o beijo. Com uma dificuldade, que ficou encantada de ver. Quanto a ela, ofegava como se acabasse de correr uma maratona. E tão contente como se acabasse de ganhá-la. –Agora -ele disse, quase ofegando. -você disse tudo. Que faria tudo. Até que o sol nascesse.

-Sim.-Era difícil respirar. A sombria excitação a embargou. Uma promessa era uma promessa, caralho, e ela tinha a palavra de seu médico pessoal de que ele não estava doente. E mais, ela confiava nele. Tinham servido à ela uma fantasia em uma bandeja, e pensava tomá-la de mão cheia. Depois desta noite nunca o veria outra vez. Mas Por Deus, ela tinha esta noite. -Sim, o que quiser. O que seja que deseje.

-Ooooh, muiiiiito bem-cantarolou ele, quase grunhindo. Ele se afundou na cama e a arrastou com ele. E seguiu empurrando-a até que ficou de joelhos, de frente. -Desabotoe meu cinto. Por favor,-acrescentou com um sorriso malicioso.

Ela o fez, com dedos fracos e trementes. Finalmente puxou o cinto abrindo-o e sem dizer nada deu a ele. Ele o atirou em um canto. -Já que mantém sua palavra...sempre...provavelmente não precisaremos disto.- Ela tragou ar...em que demônios se meteu?-Agora. Minhas calças, amor. Tudo fora.

Ela fez assim, e depois, como pedido, tirou sua cueca. Estava muito escuro para ver sua cor...azul marinho? Cinza?-mas por sua superfície deslizante adivinhou que era feita de seda. Nada de flanela para ele.

-Agora,- ele tomo ar -me beije.

Ela o entendeu perfeitamente, e beijou a cabeça de seu pênis, depois esfregou sua bochecha contra ele como uma gata. Ele cheirava quente e almiscarado e sem dúvida a macho. Era muito grosso; tinha dificuldade para fechar seus dedos ao redor dele.-Outra vez,- gemeu,-me beije outra vez, doce Giselle.

Ela assim o fez, saboreando o sal do pré-sêmen. Lambeu-o, depois o seguiu de cima abaixo com a língua por toda sua ereção. Ela sentiu seus pêlos púbicos curtos que faziam cócegas em seu queixo quando baixou. Sua mão subiu, agarrando um punhado de cachos de seu cabelo, em um punho. –Agora- ele grunhiu, -abra sua boca. Muito. Sua voz era tão densa que ela custou a entendê-lo, mas não precisava ser engenheiro aeroespacial para entender o que queria...precisava. Então ele encheu sua boca, sua garganta. Ele se retirou um pouco para que ela respirasse, depois estava em sua boca enchendo-a outra vez. Seus quadris eram como pistões contra sua face e ela se deu conta de que ele enchia sua boca. Enquanto uma parte dela estava grosseiramente excitada, seu lado prático a recordou

que embora ela pudesse contar com os dedos de uma mão o número de mamadas que ela havia feito, ela não era mais que uma tragadora de sêmen.

Sua outra mão tinha encontrado seus seios e ele apalpava, apertando. A sensação de suas mãos sobre ela e seu pênis na boca, era tão excitante quanto esmagadora. Ela tentou afastar-se, mas seu apertão era forte, e logo o sentiu começar a palpitar. Chocante, de repente, sua boca foi alagada com o salgado e almiscarado sêmen e ela recuou, mas ele tinha um apertão como ferro. Em um segundo ele tinha saído dela, mas pôs uma mão sobre sua boca. -engula,- ele murmurou em seu ouvido.-Tudo. Até o final.- Tudo. Atéééééé o finaaaaal.

Ela o fez. -Bastardo!- gritou, fechando sua mão em um punho e o golpeando na coxa. -mas a próxima vez me avise, OK?

-Prometo isso,-disse ele solenemente. -A próxima vez que estiver a ponto de gozar em sua boca, a avisarei. Ouch!

-Nunca tinha feito isto antes.

Ele esfregava sua coxa onde ela o tinha golpeado, com força. -Quem diria.

Incrivelmente, a vaidade ferida estava agora em guerra com o decoro ultrajado. -Bem, maldição, não sou exatamente conhecida como a Tia Porca por aqui, e além disso, não planejei exatamente....

Ele a parou com um beijo. -esteve maravilhosa,-disse carinhosamente. Ele acariciou seu nariz durante um momento. -E estou muito arrependido se a assustei. Mas precisava que fizesse isto para mim. Agora posso tocá-la com meus cinco sentidos. Agora, realmente, a diversão pode começar.

-Ainda é um bastardo,-disse ela com ar triste. Ainda podia saboreá-lo em sua boca, em sua garganta. -não tinha que me obrigar.....

Seu sorriso cintilou na escuridão. -Tinha sim. Mas agora é sua vez, doce.

Sua irritação diminuiu quando recostou suas costas sobre a cama e ele se ajoelhou entre suas pernas, e desapareceu completamente quando se deu conta que ele estaria à altura de suas palavras.

Pareceu que ele passou horas entre suas coxas: beijando, mordiscando, chupando, e sorvendo, ah, Deus, sorvendo. A maioria, lentos e ritmicos; o homem não se cansava. Em um momento seus clitóris palpitava com entusiasmo, e quando ele começou a lhe prestar atenção especial, extensa, e carinhosa ao pequeno botão, Giselle mal podia pensar, o que não ocorreria a menos que aproveitasse a tarde com o Sr. Vibrador.

Sua língua golpeou e acariciou; poderia sentir sua quente e úmida longitude deslizando entre seus lábios palpitantes e inchados. Sentiu-o chupando seus clitóris com um decidido entusiasmo que era tão emocionante como assombroso.

Enquanto isso ela se retorcia por toda parte da cama, tentando escapar da tortura deliciosa de sua boca. Ele não parava, incansável, só centrado nela, nela, nela. Lamber, lamber, lamber e chupar, chupar, chupar e de vez em quando, deliciosas dentadas. Ela podia sentir como se encharcava e teria ruborizado se não estivesse a ponto de gritar. Começava a sentir como se aproximava o orgasmo, e ele de algum jeito soube, e se afastou. Em vez de dar alguns poucos movimentos mais rápidos com a língua para levá-la ao climax, ele se moveu dentro de seus lábios internos e suavemente os sorvia até que estava perto, perto de gozar, e sua língua empurrou dentro dela -tão profundamente! - deixando seus clitóris ansioso.

-Ah, Deus, cheira tão condenadamente bem!- depois daquela declaração sem fôlego ele sepultou sua face entre suas pernas e começou a tortura de novo. Suas mãos estenderam suas coxas ao máximo, expondo seu montículo carnudo a sua boca faminta. Ele começou a lambê-la em compridos, lentos, e

atormentadores lambidas, de trás para frente, uma e outra vez. Suas costas se curvavam e estava certa de que estava a ponto ficar louca se não gozasse nesse momento.

Então se retorceu e se moveu, e quando avançou escapando dele, Alec simplesmente agarrou suas coxas e empurrou a sua boca de novo. Este continuou durante aproximadamente dezessete anos mais, até que se cansasse de brincar com ela, chupando seus clitóris com sua boca, e escorregando dois dedos dentro dela. A sensação de seus lábios quentes sobre ela, e seus dedos longos dentro dela, era deliciosa, alucinante. Seus dedos movendo-se, acariciando, empurrando com força dentro dela, pressão que estava perto de ser incômoda, pressão que era assombrosa, alucinante. Seus lábios fechados sobre seus clitóris enquanto sua língua se movia daqui para lá com rapidez vertiginosa. Seu orgasmo explodiu através dela como uma onda e gritou ao céu.

Quando ele se deitou na cama para ficar ao seu lado, ainda tremia. -Melhor?

-Ah! Deus meu. Tem licença para fazer isto? Deveria ser ilegal.- Ela estendeu a mão e fez o que teve muita vontade de fazer há mais de uma hora: suavemente acariciou o pêlo de seu peito, depois seguiu caminho abaixo para sua virilha. Encontrou-o grosso, ereto, e preparado para ela. Ele conteve o fôlego quando ela fechou suavemente seus dedos ao redor dele. -A propósito,- acrescentou alegremente, quase sorrindo, -estou de acordo. Não é absolutamente um sujeito ordinário. Não, eu sei.

Ele ficou rígido, embora não sabia se era pelo que havia dito, ou pelo que seus dedos estavam fazendo. Ela apertava e afrouxava, apertava e afrouxava. A outra mão escorregou mais abaixo até que embalou seus testículos, provando seu quente peso. -tem o toque de uma borboleta, doce Giselle,-disse ele, quase gemendo.

Ela quase riu; sendo rechoncha nunca se imaginou como algo leve e delicado como uma borboleta. Alec sem dúvida resmungava tolices porque todo o sangue tinha abandonado sua cabeça faz tempo, basicamente migrando para o sul.

Ela deslizou sua mão, acima e abaixo, acima e abaixo, com lentidão insuportável, com todo o cuidado que ele tinha demonstrado momentos antes. Não era muito experiente, mas tinha lido muito. Tinha comprado livros de Emma Holly durante anos. -Por isso não deveria se meter com uma devoradora de livros,- sussurrou ela no ouvido de Alec.-Sabemos alguns truques bastante bons.-Ele não respondeu, tampouco ela esperava já que estava deslizando sua palma pela ponta úmida e cremosa da ponta dando voltas, e voltas, enquanto a outra mão acariciava sua ereção.

Pensava continuar brincando com ele enquanto pudesse agüentar, mas ele de repente se afastou dela e se ajoelhou entre suas coxas. Ele estava tenso, silencioso, mas ahh, suas mãos tremiam. -Não deveria me convidar para jantar antes? Outra vez, eeeeeEEEEEEE!-Ele entrou nela com um impulso brutal, totalmente, de uma só vez. Ela estava preparada, mais que pronta para ele, mas isto alarmava –até assustava um pouco- tudo de uma vez.

Ele começou a mover-se dentro dela.

Ela se retorceu debaixo dele, sentiu seus olhos dando voltas... ah, Jesus, isto era muito! Quase. -Alec.

Seus quadris empurravam contra os dele, seus olhos estavam fortemente fechados; sua boca era uma linha apertada.

-Alec.

-Sinto muito,- ele resmungou. -Sinto muito. Espere. Serei....agradável depois. Em um minuto.

-Alec.

-Não posso..parar. Já..já. Eu S-sinto. Sinto tanto. Suas mãos estavam em seus ombros, segurando-a, mantendo-a em seu lugar para ele. Ele dobrou rítmo entre suas pernas, dentro, fora. Fincando-se, empurrando, enchendo-a.

-Alec. Se fizer um pouco mais rápido, gozarei outra vez.

Captou totalmente sua atenção; seus olhos se abriram. E depois sorriu, um sorriso de pura satisfação masculina. E agradecido. Ela ouviu que a cabeceira da cama começava a bater contra a parede e não se importou, merda. Ela se revolveu um momento até que ele deixou livres seus ombros, depois o abraçou com seus braços e suas pernas rodeando os quadris. E começou a bombear ao mesmo ritmo. Seus ventres chocavam, um batimento do coração luxurioso, urgente.

Alec fechou os olhos: -ah, Jesus! - Sua boca encontrou a dela e a beijou grosseiramente, mordendo seus lábios. Então repentinamente parou, como se estivesse consciente que se aproximava de uma linha que não estava preparado para cruzar com ela.....absurdo, considerando o que eles estavam fazendo. Sua cabeça caiu e ela poderia sentir sua face apertada na curva entre seu pescoço e ombro. Sentiu uma dor aguda quando ele a mordeu.

Está me marcando, pensou. Ela ouviu um ronrono como se estivessem rasgando os lençóis. *Está me fazendo dele*. Esta idéia tão complicada, tão estranha, e tão completamente maravilhosa a lançou diretamente ao orgasmo.

Ele ficou rígido quando ela gritou; seu abraço se apertou mais...inclusive chegou a ser doloroso por uma fração de segundo, então ele relaxou. -Faça de novo- grunhiu ele em seu ouvido, mordendo-a no lóbulo da orelha.

-Não posso,- ofegou ela, quase gemendo. De qualquer jeito ele estava muito ocupado, ainda transando com longos, rápidos golpes.

-Sim.

-Não posso! -Bum, Bum, Bum, seu pescoço picava onde ele a tinha mordido. Como se lesse seu pensamento, ele se inclino sobre ela e lambeu a mordida, depois beijou sua boca.

-Tenho que sentir sua pequena e doce vagina apertando ao redor mim outra vez,- disse ele em sua boca. -Devo insistir.

-Estou saciada, por favor, não posso mais, por favor, Alec....- Ah, entretanto seu corpo a traía, arqueava suas costas para encontrar melhor seus impulsos, e podia sentir a...agora familiar... tensão entre suas coxas, a sensação que disse que ela gozaria outra vez, muito obrigado. -Alec, por favor, pare, por favor, não posso. Pare! P....- Então a sensação trovejou através dela, atravessando-a, e este orgasmo fez com que os outros parecessem cócegas em comparação, esta era a coisa mais tremenda que jamais havia sentido.

Ela o sentiu ficar rígido outra vez, mas, ah, Cristo, não gozou, ainda empurrava. Segurou seus joelhos e os abriu, estendendo-a, fazendo-a mais ampla para ele. Ela gritou de prazer e desespero: mais disto estava certa que a mataria. Seria a melhor morte, mas morte ao fim e ao cabo.

-Mais,- ele sussurro em seu ouvido.

- ... não posso.

-Pode. Fará.

Ela o segurou por trás, acariciou seu traseiro, sentiu, mediu ... e então deslizou seu dedo dentro dele, direto por seu ânus, tudo o que pôde. Ao mesmo tempo ela se apertou ao redor dele... (obrigado, exercícios de Kegel)

E foi recompensada por ouvir seu rouco grito. Então ele explodiu dentro dela, jogado sua cabeça atrás e rugindo ao teto. A cabeceira deu um GOLPE mais!, e ficou imóvel.

Ela soluçou, ele a acalmou com carícias suaves e pequenos beijos. -Shhhh, doce, está bem. Só que não controlo o que sou. Shhhh.

-Que foi...isto...

-Calma. Calada! Agora, recupere o fôlego.

Quando a agitação do seu último e titânico orgasmo passou deu-se conta que ainda palpitava. Ainda o desejava. Era uma maldita devoradora de livros com o corpo de uma porca.

"foi.....iiinncriveeel. Assombroso.-OH, bem, balbuciava como um animadora depois de sua quinta cerveja. Tentou outra vez. -Incrível. Assombroso. Estou certa que ouve isto todo o tempo, mas foi o melhor do mundo. Não quero dizer só de mim. Quero dizer o melhor na história do sexo."

Ele beijava sua testa, sua boca, suas bochechas. -Para mim, também. E não ouço isso todo o tempo. Não estive com uma mulher em quase um ano.

Ela quase cai a cama. -O que? Por que? É tão...quero dizer, o pacote é estupendo....e depois o que pode fazer na cama....ao que demônios esteve esperando? Perdeu uma aposta?

-Não. A quem,-disse ele. -A quem demônios estou esperando. Esta é a questão.- Ele se inclinou e acariciou com o queixo o vale entre os seios-Deus, poderia me perder em você. Tão facilmente. O que significa que tenho que matá-la ou me casar com você.

-Tá,tá. E tire seu nariz daí, está fazendo cócegas.- Ela podia sentir seu pênis em sua coxa, muito quente, e estendeu a mão. -Jesus! Está duro outra vez!

-Sinto muito,-disse ele secamente. -Não posso evitar com uma vagina tão doce como a sua. Para não mencionar alguns dedos muito habilidosos.

-Não, quero dizer ... Uhh. Não sei o que quero dizer.-Seus olhares se encontraram. Seus olhos se adaptaram à escuridão; e podia vê-lo completamente. -Quer continuar?

Ele sorriu lentamente; parecia com uma colherada de açúcar extra em um café realmente bom. -E você?

-Isso é irrelevante,-disse ela asperamente. Ele arqueou suas sobrancelhas. -Uma promessa é uma promessa, lembra?

-O que eu gosto em você..uma das coisas...é que não se dá por satisfeita comigo.-Sua mão se deslizou para baixo pelo montículo suave de seu ventre, acariciando-a entre suas pernas. Então ele suavemente a separou, e seus dedos deslizaram dentro dela. Ela conteve o fôlego e se moveu contra sua mão. -Não está acabado- murmurou ele em sua boca, - do jeito que faz uma senhora quando teve o suficiente.-Ela podia se ouvir gemendo suavemente quando seus dedos deslizaram dentro e ao redor de sua vulva, até que ficou coberto de novo por sua nata.-É obvio, tem outras qualidades, muito boas.-Sua voz tinha uma nota brincalhona. -Mas não podia imaginá-las enquanto a cortejava durante o jantar.

-Me cortejava?´- ela ofegou. -É o que fazia?

-O que eu fazia era me concentrar em não jogá-la sobre a mesa mais próxima e transar até que meus joelhos se dobrassem. Estou assombrado de ter sido capaz de falar com você depois de tudo, Ahh! Deus, é tão doce, Giselle. Esses ruidinhos que faz com a garganta me fazem esquecer tudo. Venha aqui embaixo.

Ele a puxou até que ela se ajoelhou na cama. Ela podia senti-lo atrás, segurando-a ao redor da cintura, acariciando suas nádegas e as apertando.-Eu poderia mordê-la aqui mais de cem vezes,- sussurrou ele.

-Melhor que não, se quiser deixar espaço para o café da manhã.-Ela grunhiu quando a carícia se transformou pouco a pouco em um beliscão. -Calma, Alec, tenho que me sentar depois.

Ele sufocou uma risada.-Sinto muito. Mas doce Giselle, é que tem realmente um traseiro delicioso.-Então suas mãos se aventuraram mais abaixo até que ele a sustentou aberta com seus dedos. Ela podia sentir-se...toda ela...clamando por ele. rogando por ele.

-Ah, Deus, Alec ...

-Eu gosto assim, Giselle. Eu gosto de ouvir que geme meu nome.-Ele entrou nela, deliciosa polegada a deliciosa polegada; ela se apoiou para frente e apoiou seus braços na cama. -Agora, se não se importar, eu gostaria de ouví-la gritar.-Ele empurrou, forte.

Ele a acariciava, suas mãos estavam em todas partes... correndo de cima a baixo por suas costas, embalando seus seios, acariciando seus mamilos... depois puxando rudemente eles com seus dedos, como se ele, por instinto, soubesse quando ela desejava que fosse doce e quando queria...precisava....que fosse rude. Ela gritou seu nome, rogou que ele deixasse de atormentá-la e a tomasse, merda. Ele riu de puro prazer, riu enquanto ela se retorcia e gemia e empurrava para ele. Então suas investidas a levaram ao orgasmo e ele repentinamente deixou de rir e ofegou.

Ela percebeu então que tinha amanhecido fazia um momento. Bem, quem daria uma merda? Era incrivel a resistência do homem. Ela não podia acreditar tampouco em sua resistência.

-Está cansada?- ele ofegou em seu ouvido. Ele ainda estava de cocóras atrás dela, ainda enchendo-a de um modo que nenhum outro homem faria. Quando ele se escorou e empurrou, ela jurou que podia sentir seu pênis na garganta. -Giselle? tudo bem?

-Sim, estou cansada, estou esgotada, estúpido, e não se atreva a parar.

Ele riu entre dentes e ela podia sentir seus dedos que dançavam ao longo de sua coluna. Então sua mão baixou e encontrou seus clitóris. Ele acariciou o broto palpitante com seu polegar e disse,-lamento que minha boca não esteja aqui agora mesmo. Mais tarde, a terá ai,- e com isto foi suficiente, lançou-a a outro orgasmo.

Ela sentiu que seu abraço apertou. -Ah, Deus, é tão bom,- gemeu.-alguém já lhe disse isso? Quando goza, seus músculos se fecham.- estremeceu atrás dela e por fim encontrou sua liberação.-Todos seus músculos.

Ela riu fracamente e descansou a cabeça na cama. Três vezes ... ou eram quatro? Este homem não era humano. Graças a Deus ela estava tomando pílula.

Ele ficou em pé, depois a abraçou e a embalou em seus braços como se fosse uma criança. -Agora dormir,-disse ele, pondo-a na cama e cobrindo-a. -E agora eu vou... esgotou-me, senhora.-Então, incongruentemente perguntou,-tem passaporte?

-Não,- ela disse adormecida.

-Hmm. Terei que arrumar isso. Não pode ir a Escócia sem um.

-Ainda quer que eu vá?- Ela ruborizou, ao recordar como eles tinham passado as últimas cinco horas.-a Escócia, quero dizer?

-É obvio.-Ele arrumava as mantas sobre eles, envolvendo-a em um abraço, e colocando suas longas pernas ao redor dela. Ela estava quente imediatamente e pecaminosamente acomodada. A

palpitação entre suas coxas se foi finalmente. Foi porque estava intumescida, tola. Ele tinha transado até a intumescer. E estava encantada.- Eu disse isso, não é?

-Bem...- Ela bocejou contra seu ombro.- Foi antes de nos dar bem, por assim dizer.

-Giselle, querida.- Ele beijou o topo de sua cabeça. -Nunca conheci uma mulher tão inteligente e tão estúpida ao mesmo tempo. Você vem a Escócia. Para dizer de outra maneira, não me penso ir embora sem você.

-Estúpido mandão,-resmungou ela. Então apertou seus olhos fechados quando ele acendeu a luz a lado da cama. -Aggh! Acredito que minhas retinas acabam de queimar-se!

Ela pôde sentir como continha a risada. -Sinto muito, amor. Só quero dar uma olhada em seu pescoço.- Ela sentiu como retirava seu cabelo e suavemente tocou a mordida. -Uma mordida é uma coisa séria... Realmente sinto muito de se fiz a machuquei. Sabe, não é, Giselle?

-Não se preocupe. Arrisco de fazê-lo sentir mais arrogante do que já é...embora como poderia ser isto possível não posso imaginar...eu gostei. Apenas dói.

-Ah.- pôde ouvir o evidente alívio em seu tom.-Me alegro de ouvi-la. Não posso lhe dar uma explicação exceto... Não quero que pense que vou mordendo todo mundo. Só ... que me perdi por você.

-Isso, e que quis me marcar,- acrescentou ela meio adormecida. Ah, até com aquela desagradável luz, seria capaz de dormir completamente.- Chupe essa, luz de noite! Está bem. Não me importa levar seu sinal por um tempo.

-O que você disse?

-Que me marcou.

-O que?

-M-e M-a-r-c-o-u! Jesus, para ser um sujeito com sentidos realçados você é realmente lento.

-O que?

-Não grite, estou aqui mesmo. Esqueci que os homens-lobos eram tão delicados.

-Ah meu Deus.

-Acalme-se, amigo.-Preocupada, ela se sentou. Ele parecia que ia desmaiar. -Ouça, está tudo bem. Disse isso, não é? Marcou-me para que assim outro homem lobo não se aproxime de mim. Teoricamente, eles verão seu sinal e se comportarão bem. Ou ficarão loucos e decidir, apesar de tudo, lutar por mim. Ah! Como se isso fosse acontecer.

Ela o viu cambalear até uma cadeira antes de que caísse. Muito esperto. -Você sabe? O que sou?

-Claro. Não imediatamente,- acrescentou ela consoladora, já que parecia tão feito migalhas. -Levei algum tempo para considerar isso. Mas chegou agora, você é muito rápido e muito forte para um sujeito em seus....o que? Princípios dos trinta?

-Trinta e um,- disse distraídamente.

-Além disso, sua resistência entre os lençóis é....é realmente incrível.- ela estava ruborizando? Depois do que acabaram de compartilhar? Estava obviamente muito cansada. *Durma, Giselle*. -Nunca tinha me encontrado com nenhum...homem lobo me refiro....mas minha mãe estava acostumada trabalhar para Lucius Wyndham.

Ele a contemplou com o mais incrível olhar de assombro em sua face.-Sua mãe trabalhou para o antigo líder da manada?

-Pode parar de gritar? Sim, ela dirigia seus estábulos.É obvio, ele não podia aproximar-se de nenhum de seus cavalos sem que ficassem loucos para escapar dele. Finalmente teve que dizer a

verdade a minha mãe, porque ela pensou que tinha abusado deles, e se propunha denunciá-lo à Associação contra a Crueldade com os Animais .

-Claro, é obvio que ele não os tinha maltratado, era instintivo por parte dos cavalos manter-se malditamente longe dos homens lobos. Então ele disse, e o demonstrou, e como a minha mãe gostava dos cavalos, e gostou dele, ficou. Até que se casou com meu pai e se mudaram para Boston. Mas ela havia visto muitos então. Minha mãe,-acrescentou Giselle com satisfação,-contava as melhores histórias na hora de deitar. Dei me conta faz um momento. Eu disse ... lembra disso?

Ele moveu sua cabeça, sua boca aberta. -Simplesmente não posso....toda a noite estive tentando decidir se deveria simplesmente seqüestrá-la e ir para Escócia e somente dizer a verdade lá.....

-Típico namoro do homem lobo,-mofou-se ela.-Realmente você tem que trabalhar o tema romance.

-...Ou tentar explicar isso amanhã. Hoje mais tarde, quero dizer. Ou esperar até que nos conhecermos melhor.... mas você sabia!

-Sím.

-E não disse nada!

-Não me pareceu muito educado, já que você não mencionou.- Ela ruborizou mais, se era possível.-Além disso, nós ... tínhamos outras coisas em mente.

Ele pôs-se a rir, grandes gargalhadas, que fizeram retumbar seus ouvidos. -Doce Giselle, é minha e eu sou definitivamente seu. Soube no momento que a cheirei. Pêssegos amadurecidos em meio de toda aquela rua fedorenta e nevada. O único Papai Noel que estava ovulando.-Ele tombou em cima da cama e a tomou em seus braços, beijando-a por todas as partes possíveis.

-Santo Deus!, Pare!- Ela ria e tentava detê-lo.-Podemos fazer isto mais tarde? As pessoas normais ficam cansadas depois de fazer o amor toda a noite.

-Não há nada comum em você, querida.

-Ah, pare já. Não pode me dizer a sério que naquela rua lotada, onde havia provavelmente duzentas pessoas, a única que estava ovulando era eu?

-Não, não posso dizer isto.- Ele a beijou na boca. -O que posso lhe dizer é que foi a única mulher que ovulava para mim.

-Ahh. vamos dormir? - ela acrescentou amavelmente, procurando apagar o abajur de noite.

Ele apagou a luz por ela. -Escócia?

-Sim.

-para sempre?

-Não! Sinto muito, mas meus pais estão aqui. Tenho amigos aqui, também. E uma vida que tinha antes de que pusesse os olhos sobre você, menino bonito. E, olá? Noivado, há alguém ai? Seria agradável ficar um pouco, antes de nos casarmos.

Ele suspirou burlonamente. -Humanos, ah, o Senhor me ajude. Uma casa em Boston, então, mas ao menos a metade do ano em minha casa. Depois disso,- suspirou ele outra vez,- um longo noivado apropriadamente.

-Feito.

-Noivado nu?- ele perguntou com esperança.

Ela riu. -já discutiremos os detalhes. Realmente não importa, acredito. Onde quer que vá, eu vou. E tudo isso.

-E tudo isso- disse ele, sorrindo e beijou sua boca.

FIM

1 Trocadilho intraduzível com a Santa Claus e Claws (Garras) (N.del T.)

2 Referência a uma canção do Elvis Presley de 1972, "Burning Love".

3Willy o escocês é um personagem de ficção da série animada Os Simpson. Willie é o zelador da Escola do Springfield. caracteriza-se por seu grande força física. Vive em uma cabana na parte posterior da escola. (N.del T.)

4 o filme "The Adventures of Buckaroo Banzai Across the 8th Dimension" (1984) . Mescla de ficção científica, aventura, música e comédia,. A história do Dr. Buckaroo Banzai, de pai japonês e mãe norte-americana, que cresceu sob a tutela do Dr. Hikita até converter-se em uma multifacética celebridade. Banzai é cirurgião, físico, artista marcial e aventureiro (N do T).

5 Os exercícios do Kegel ou exercícios de contração do músculo pubocoxígeo servem para fortalecer os músculos pélvicos. Também estão recomendados para evitar doenças comuns como a incontinência urinária ou também para facilitar o parto. No campo sexual são os exercícios que terá que praticar para obter bons resultados na hora de conseguir maior prazer sexual.

6 Passagem do Antigo Testamento Rut 1:16 Mas Rut lhe respondeu: "Não insista em que te deixe ou que deixe de te seguir; porque aonde você vá, eu irei, e onde você morre, morarei. Seu povo será meu povo, e seu Deus meu Deus”.
